

Revista de Ensino de Geografia

Desde 2010 - ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS DO ENSINO REMOTO E DAS TECNOLOGIAS NA PRÁTICA DOCENTE

Joyce Caroline de Souza Souto¹
Nathalia Rocha Morais²

RESUMO

Este trabalho visa discutir as novas proposituras para o ensino de Geografia a partir da realidade imposta à educação e à prática docente diante da pandemia. A pesquisa adotou uma abordagem de natureza teórica, a partir da qual apresentamos a problemática de modo a refletir sobre possíveis práticas para solucionar/facilitar o atual cenário educacional bem como salientamos os impasses vividos pelos docentes nesse momento. Foi possível inferir que a internet e as mídias digitais são excelentes recursos se utilizados a partir de planejamento adequado, bem como se forem oferecidas aos docentes as condições necessárias ao desenvolvimento de uma boa prática. Ademais, evidencia-se a necessidade de pensar constantemente as questões que se referem ao exercício do profissional docente.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Ensino Remoto. Tecnologias educacionais. Prática Docente.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade passa por relevantes transformações ao longo da história, esse é o curso natural dos desdobramentos socioespaciais, os quais nos colocam diante de um processo de reestruturação das mais variadas atividades. Temos na disseminação do vírus responsável pela transmissão da COVID-19, um dos acontecimentos mais inesperados e impactantes para o

¹ Graduanda de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: soutojoyce@icloud.com

² Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: nathalia_rochamora@hotmai.com

cotidiano da população mundial no século XXI, algo que não acontecia desde o ano de 1918, período marcado pela gripe espanhola, a última pandemia vivida pela humanidade.

O desenvolvimento das atividades nos mais variados setores da economia e da vida cotidiana foram afetados diretamente pelo cenário pandêmico que se estabeleceu no mundo desde a descoberta, e transmissão em massa, da síndrome respiratória aguda grave causada pelo SARS-CoV-2, fazendo da COVID-19 uma nova doença que passou a compor a realidade de milhões de pessoas que tiveram seu dia-a-dia totalmente modificado.

De fácil contágio, o vírus se propaga com velocidade e ocasiona danos bastante significativos à saúde humana, já tendo sido a razão de milhões de óbitos por todo o mundo. Tendo em vista a característica de ser transmitida através do contato próximo entre os indivíduos, a premissa para a minimização da problemática gravita em torno do distanciamento social, afetando assim inúmeras atividades, entre elas as relacionadas ao âmbito educacional.

Por representarem o espaço de grande interação entre os sujeitos do processo educativo, escolas de educação básica e universidades tiveram, desde o início da pandemia no ano de 2020, suas aulas na modalidade presencial suspensas com o objetivo de evitar aglomerações e, portanto, o aumento do contágio. Diante de um contexto excepcional como o vivenciado, a alternativa encontrada para reduzir os prejuízos trazidos pela suspensão das aulas foi a implementação do denominado ensino remoto. Cabe ressaltar que essa forma de desenvolvimento das aulas propõe uma nova dinâmica para alunos e professores que necessitam se adaptar a novas metodologias de maneira rápida e repentina, além de colocar em pauta o fortalecimento da proposta de um ensino híbrido a partir de então.

Nesse sentido, o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem ganha novos contornos e configurações que suscitam múltiplas reflexões. Essa nova perspectiva passa a envolver a realidade escolar e universitária no tocante a todas as áreas do conhecimento, inclusive do ensino de Geografia e da formação de professores da disciplina, que tem como objetivo a formação de sujeitos críticos e de pensamento autônomo acerca dos desdobramentos socioespaciais à sua volta.

De acordo com Guimarães (2000), os professores de Geografia não devem resumir a própria prática à reprodução de conteúdos sem que sejam estabelecidas as devidas correlações com a realidade de modo a atribuir maior concretude e sentido à disciplina. Ainda para o autor, não há sentido em um fazer docente que apenas dissemina saberes e acontecimentos transitórios, fato que pede que os professores estejam atentos ao desenvolvimento do processo educativo e à construção do conhecimento geográfico para dar encaminhamento à formação

de sujeitos críticos, que compreendam e se posicionem na sociedade. Nessa linha de pensamento, evidencia-se a importância social do professor de Geografia enquanto mediador e incentivador do conhecimento, bem como se ressalta a necessidade de que o processo ensino-aprendizagem aconteça a partir do compartilhamento entre os sujeitos que dele participam, o que reforça a importância do ensino presencial.

A característica de criticidade inerente à Geografia é mencionada e discutida por diversos pesquisadores, entre eles podemos mencionar um dos maiores nomes dessa área do conhecimento. Milton Santos explorou de forma brilhante o potencial esclarecedor, questionador e formativo da Geografia como ciência e disciplina escolar em todas as suas obras e defendeu o desenvolvimento de uma Geografia crítica e transformadora. Nessa mesma perspectiva, Nogueira e Carneiro (2013) discutiram os conceitos críticos de Paulo Freire e Milton Santos, que enfatizaram a importância de pesquisar e formar um pensamento crítico relacionado ao espaço, com foco na construção de uma consciência cívica espacial em escala local e global.

A interação entre os sujeitos, em todos os níveis de ensino, é uma das etapas fundamentais na construção de um conhecimento concreto e significativo para os estudantes. Dessa maneira, para o aprendizado dos conhecimentos geográficos os momentos de discussão presencial representam possibilidades profícias de avanços nessa área do saber. Logo, as alterações provenientes do cenário de pandemia impactaram a realidade educativa de modo que foram elucidadas fragilidades relativas aos modos de lidar com situações de excepcionalidade no campo da educação, e também do ensino de Geografia.

Apesar da modalidade de Ensino a Distância já existir desde o ano de 1904, segundo a Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED, 2011), é necessário ressaltar que essa modalidade de ensino se apresenta como uma realidade em constante avanço no tocante aos cursos superiores, mas não uma realidade comum a todos eles tendo em vista a predominância do ensino presencial em todos os níveis de ensino durante toda a história da educação no país. Por essa razão, o ensino remoto, mesmo que adotado em circunstâncias emergenciais, como é o caso da pandemia, representa uma mudança brusca que tem colocado professores e alunos diante da intensificação do uso das plataformas digitais para a realização das aulas, recursos válidos, mas que não suprem as demandas do processo educativo dos pontos de vista do acesso por parte de milhares de estudantes, da discussão e construção coletiva do conhecimento, da necessária interação e socialização proporcionada pela dinâmica escolar entre tantos outros fatores.

Apesar de muitos encontrarem pontos de convergência entre essas maneiras de desenvolver as aulas, chegando a defender a paridade entre EAD e ensino remoto, o que temos observado é uma perda significativa nas abordagens geográficas nos espaços escolares e acadêmicos em decorrência da implementação repentina de um modelo de ensino distinto da EAD, já que este modelo educativo é regido por uma lei e dinâmica próprias, o que não é o caso do ensino remoto. Para as aulas de Geografia o ensino remoto tem representado ponto de conflito, uma vez que a prática docente e o ensino da disciplina têm sido afetados pela ausência de elementos fundamentais como, por exemplo, a discussão e a realização de aulas de campo, estas que representam o principal laboratório de estudo dessa área do conhecimento.

Dante da problematização exposta, esse trabalho tem como objetivo discutir as novas proposituras para o ensino de Geografia a partir da realidade imposta à educação e à prática docente diante da pandemia. A relevância desta reflexão reside no fato de acreditar na necessidade de análise constante acerca das práticas desenvolvidas pelos docentes junto a seus alunos, tendo em vista que a peculiaridade que envolve o ensino remoto sugere a adequação de metodologias de modo a contribuir positivamente com o processo ensino-aprendizagem da disciplina, ainda de que forma remota.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e apoiado em referencial teórico pertinente, cujo enfoque relaciona-se a aspectos do processo de ensino-aprendizagem durante o ensino remoto no cenário emergencial. O trabalho encontra-se dividido da seguinte maneira: inicialmente a discussão volta-se para a importância do ensino de Geografia na educação básica; em seguida são abordadas questões inerentes à prática docente em Geografia, tendo como pano de fundo o cenário pandêmico; e por fim, são feitas algumas reflexões sobre o ensino remoto e seus impactos nas aulas de Geografia na educação básica.

Ademais, cabe salientar que este estudo representa uma contribuição às muitas reflexões que emergem diante do contexto vivido durante o ano de 2020, e que tende a se prolongar. Logo, o objeto dessa pequena análise está em construção e, portanto, será alvo de muitos estudos daqui por diante, os quais se somarão a este no sentido de compreender um pouco mais acerca do processo educativo, do ensino de Geografia e de suas necessidades.

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Desde seu reconhecimento enquanto disciplina escolar, a Geografia passa por impasses no que tange ao interesse que é capaz de despertar nos estudantes. Um dos grandes problemas

reside no fato de que essa área do conhecimento é tida pelos alunos como sem grande significado e aplicabilidade em seu cotidiano, realidade que decorre de práticas distantes e abstratas por parte de muitos professores. Desse modo, é necessário que o docente busque relacionar os conteúdos à realidade de vida dos estudantes, motivando-os ao conhecimento, pois ao apropriar-se dele o aluno será capaz de compreender as dinâmicas socioespaciais à sua volta.

A importância da Geografia na educação básica centra-se principalmente na relação entre conhecimento espacial, sociedade e natureza. Segundo Cavalcanti (2008, p. 19):

A Geografia busca [...] estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto às contribuições de outras áreas das ciências e às diferentes especialidades em seu interior: um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, ao sentido dado pelas pessoas para suas práticas espaciais.

Em outras palavras, é necessário que o aluno estabeleça a ideia de conhecer seu ambiente de vida e entendê-lo da melhor forma, o que torna muito importante que o professor desenvolva nos alunos habilidades concernentes às percepções sobre o espaço. Nesse viés, o docente deve estimular o aluno a desenvolver um raciocínio geográfico, este construído ao longo de toda a educação básica.

Ao construir tais percepções e fazer com que o estudante comprehenda o aprendizado geográfico como repleto de significado e aplicabilidade, retira-se essa área do saber do campo da abstração no qual é frequentemente inserido. Todavia, cabe destacar que toda ciência é constituída de uma teoria que ilumina a prática e de práticas que ressignificam a teoria e, desse modo, é natural que as teorizações passem por momentos de reflexão e evolução ao longo do tempo fazendo com que cada vez mais se tornem presentes no cotidiano e nas abordagens da Geografia escolar.

Para Azambuja e Callai (1999), os conteúdos não devem ser apenas caracterizados pela sua informação, mas devem ser utilizados principalmente como meio de raciocínio geográfico para explicar a formação dos fenômenos socioespaciais, habilidade que deve ser construída durante toda a educação básica. Com isso, se faz necessário ensinar ao aluno uma Geografia que se desenvolva sob uma perspectiva crítica, que recrie e fortaleça nele o senso da responsabilidade, da democracia, fazendo-o mais preparado não apenas para lutar pelos seus direitos, mas também pelos direitos da sociedade.

Cabe destacar que, de acordo com Vesentini (2008, p. 78), a abordagem crítica propõe como enfoque uma nova forma de abordagem dos conteúdos, sendo necessário atentar para o

fato de que :

Um ensino crítico não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível os conteúdos da Geografia crítica acadêmica, pelo contrário, o conhecimento acadêmico ou científico deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e seu meio [...] não se trata de partir do nada e nem de simplesmente aplicar no ensino o saber científico, deve haver uma relação dialética entre esse saber e a realidade do aluno, daí o professor não ser mero reproduutor, mas um criador.

Práticas voltadas a esse tipo de formação devem ser desenvolvidas independentes dos contextos vividos, incluem-se aqui os momentos excepcionais nos quais o uso dos diversos recursos a favor do processo educativo deve ser ainda mais enfatizado. Assim, faz parte do papel do professor tentar aproximar o máximo os conteúdos geográficos à realidade que cerca o cotidiano dos seus alunos por meio do seu saber prévio. Para Neves (2010, p. 12):

[...] a utilização dessa metodologia também pode promover a maior significação dos conteúdos e maior aproximação da realidade dos alunos. Além de a contextualização contribuir para o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à ciência, através do reconhecimento de sua importância social, ainda favorece a aprendizagem de conteúdos conceituais, valorizando e estimulando a interação com o conhecimento prévio dos estudantes.

Frequentemente tem-se um ensino mnemônico da geografia nos espaços escolares, tornando-o enciclopédico, pois muitas vezes deixamos de lado o conhecimento de mundo do aluno, principalmente voltados ao cotidiano em que o rodeia, porque se introduz os conteúdos da disciplina, mas não fazemos esforços para estabelecer conexões entre o conteúdo informativo adaptando-o ao conhecimento do aluno para facilitar seu entendimento. “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (Freire, 2001, p. 520).

Sobre isso, Callai (2001, p. 139) acrescenta que:

os aspectos naturais e humanos do espaço geográfico, traduzidos em aulas sobre relevo, vegetação, clima, população, êxodo rural e migrações, estrutura urbana e vida nas cidades, industrialização e agricultura, estudados como conceitos abstratos, neutros, sem ligação com a realidade concreta da vida dos alunos.

Os professores devem tentar não cometer esses erros, mas sim promover a aprendizagem dos alunos, e vincular o conteúdo à realidade como uma das formas de promover essa aprendizagem. O conteúdo não deve ser estudado apenas sob a ótica da

informação, mas deve ser utilizado principalmente como um método de formação de capacidades de raciocínio geográfico e de fenômenos socioespaciais, considerando que a aprendizagem é baseada em considerações realistas evidenciadas na experiência cotidiana da realidade. É papel do professor suscitar reflexões acerca de toda essa dinâmica em aula.

A educação básica representa uma das etapas do processo educativo na qual os conhecimentos geográficos se apresentam de modo bastante relevante, nela os alunos têm a possibilidade da elaboração de um olhar múltiplo acerca do espaço. Segundo Cavalcanti (2008, p. 48), o ensino de Geografia:

[...] é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação deles influencia a ação dos outros. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetivos de conhecimento, a Geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a relação dos alunos com a realidade.

Reafirma-se, assim, a necessidade de que o ensino de Geografia na educação básica seja realizado a partir de uma prática docente que valorize os conhecimentos de cada estudante buscando correlacionar conteúdos e realidade com o objetivo de, cada vez mais, despertar o interesse por essa área do saber. Entretanto, muitas vezes a definição de ensino está voltada meramente à reprodução de conhecimentos, tendo como produto final apenas a ideia de memorização de conteúdo, sem contextualização alguma:

A visão fragmentada levou os professores e os alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se em cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza (BEHRENS, 2010, p. 23).

É premente que práticas descontextualizadas deixem de compor a realidade do ensino de Geografia, sendo necessário colocar em destaque a importância da presença dos conhecimentos geográficos no espaço escolar, tendo em vista que estes instrumentalizam os estudantes para a vida social de modo que desenvolvam um olhar mais consciente e crítico acerca dos desdobramentos socioespaciais.

3 ENSINO DE GEOGRAFIA E PRÁTICA DOCENTE: TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DA EXCEPCIONALIDADE

Compreender o novo contexto imposto à educação diante da realidade pandêmica pede que, inicialmente, se diferencie ensino remoto de educação a distância propriamente dita. A fim de esclarecer o conceito de educação a distância, o artigo 80 da Lei 9.394 de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos diz em seu quarto parágrafo: Essa modalidade de ensino tem como premissa o desenvolvimento assíncrono, ou seja, não acontecerá ao mesmo tempo. Enquanto que, no contexto da pandemia, as aulas remotas foram aprovadas temporariamente pelo MEC, com objetivo de ser uma solução temporária para a continuidade das atividades de ensino, já que os alunos são impedidos de se reunir devido à situação atual. O ensino remoto é realizado pontualmente, propondo o seguimento das atividades que seriam realizadas no ensino presencial, estas passando a ser desenvolvidas em plataformas digitais. Paralelamente, a EAD tem o encaminhamento do processo através de ambiente virtual adequado, contando com o apoio de tutores e recursos técnicos propícios ao ensino a distância (PEDAGOGA, 2020).

Com isso em mente, não podemos considerar as salas de aula remotas como uma forma de ensino, mas como uma solução rápida e conveniente para muitas instituições. Ao contrário da EAD, projetada para garantir o ensino e a educação a distância por períodos/semestres de tempo.

O ensino a distância descreve um método de ensino no qual os alunos não estão em salas de aula tradicionais, o ensino e a visualização dos materiais e aulas dos cursos podem ser realizados em tempo real ou não, ou seja, não há a disparidade da relação tempo-espacó no processo educativo. Em contra partida, o ensino remoto caracteriza-se pela ausência de uma estrutura pensada e organizada para a realização das aulas, não há ambientes virtuais de aprendizagem determinados para a realização das aulas, não há a presença de tutores, nem há um treinamento para professores que necessitam lidar com a nova realidade. No ensino remoto as aulas ocorrem em conformidade com o que havia sido determinado para o ensino presencial, sob o formato de aulas síncronas e assíncronas. As aulas síncronas são ministradas em tempo real por meio de plataformas de videoconferência, mantendo uma interação online entre alunos e professores, e nas aulas assíncronas o conteúdo é disponibilizado/publicado e, quando o aluno o recebe, ele que decide o melhor horário para assisti-lo.

A partir do contexto de pandemia, os professores tiveram a necessidade de readequar suas práticas, buscando adaptar-se ao *modus operandi* do ensino remoto, repentinamente e

sem a estrutura da qual necessitavam. Os acontecimentos marcam longos meses de tumultos, preocupações, excesso de trabalho e desgaste da categoria docente especialmente daqueles que exercem sua profissão na educação básica.

Mesmo diante de uma conjuntura delicada, os professores têm buscado desenvolver suas atividades da melhor maneira, muito embora com dificuldades enormes. Levando em consideração o avanço do meio técnico-científico-informacional é indiscutível o lugar ocupado pelas tecnologias nos mais diversos espaços, inclusive no espaço escolar e na prática docente. O acesso a um amplo leque de informações através de múltiplas fontes tem sido fator preponderante para a elaboração de aulas, bem como para a implementação de práticas que busquem utilizar essa realidade a favor da aprendizagem. No entanto, cabe destacar que apesar do acelerado processo tecnológico as práticas tradicionais ainda ocupam espaço significativo na educação desenvolvida no país. Assim, depreende-se que o avanço tecnológico não quebrou a tendência da educação tradicional, embora já existissem dentro das universidades brasileiras antes da situação atual, a exemplo dos cursos de ensino a distância (EAD), a modalidade da comum educação tradicional ainda revigora acima das demais. O ensino remoto exige que os professores e alunos adotem tecnologias e programas que talvez sejam muito complexos para o entendimento de ambos, como plataformas de conferência, programas de gravação e edições, entre tantos outros recursos que estão sendo “descobertos” às pressas pelos docentes e discentes.

Ao analisar o cenário de implementação do ensino remoto temos que, segundo a diretora presidente do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), Lúcia Delagnello (2020), os países que conseguiram melhor se adaptar ao ensino remoto nesse período emergencial são aqueles que já vêm trabalhando há algum tempo com a adição de tecnologias na educação, países como China, Cingapura e Estônia, cujos investimentos na educação tem crescido de forma cada vez maior, o que infelizmente não é o caso do Brasil.

Considerando que a escola é o reflexo da sociedade, é inevitável que tantas transformações adentrem esse espaço impondo mudanças, adaptações e trazendo inúmeras exigências para os que nele desenvolvem suas atividades profissionais, como os professores. Para Coutinho e Lisboa (2011), as escolas e seus agentes devem mudar os métodos e técnicas de ensino e apresentar formas eficazes para preparar os alunos para uma sociedade do conhecimento que avança a cada dia.

A natureza virtual que passa a fazer parte da realidade das aulas pede que o docente em atuação procure novas metodologias para manter os alunos estimulados ao aprendizado, tendo em vista que o necessário distanciamento social vem causando impactos diversos aos

estudantes, como o desestímulo. Dessa maneira, é primordial buscar estratégias com vistas a minimizar os impactos e promover uma aprendizagem prazerosa e significativa. No tocante à Geografia, um exemplo da busca por alternativas refere-se às aulas de campo, as quais se constituem como fortes aliadas na abordagem dos conteúdos da disciplina, no entanto tiveram que ser substituídas por vídeos que se aproximem ao máximo das experiências técnicas obtidas em campo, mas mesmo assim jamais se aproximam da realidade presencial.

É possível destacar o uso de algumas ferramentas tecnológicas que, além de atenderem às premissas do capital, por se tratarem de empresas privadas, tem sido utilizadas pelos professores para a realização de suas aulas (Quadro 1):

Ferramenta tecnológica	Principais características
Google Sala de Aula	Possibilita ao professor criar uma sala virtual para interagir com seus alunos; nela é possível colocar atividades com prazo de entrega, disponibilizar textos, desenvolver questionários.
Google Forms	É utilizado para divulgar e criar pesquisas qualitativas de forma mais rápida, é possível também criar avaliações com correção automática e peso das perguntas.
Discord	Essa ferramenta é bastante usada para realizar streaming de jogos e também é uma opção para aqueles professores que optam por interagir com os alunos por canais de voz e texto.
Telegram	Permitem a interação de até 200.000 membros cada, além da possibilidade de elaborar enquetes, inserir bots (robôs automáticos) para gerenciar as conversas etc.
MailChimp	Trabalha com o conceito de drag and drop, ou seja, basta arrastar os elementos que você quer para dentro do layout do e-mail para que eles funcionem, sem a necessidade de mexer em códigos e com a vantagem de não cair no spam ou na lixeira.
Blogs	É um site informativo ou diário online que exibe novas postagens no topo da página. Deve ser atualizado regularmente e geralmente é mantido por um indivíduo ou um pequeno grupo. As visões e opiniões expressas são específicas ao assunto.
Podcast	É um método de distribuição de arquivos de mídia digital por meio de feeds RSS, que permite que seus assinantes acompanhem ou baixem conteúdo automaticamente quando ele é atualizado.
Webquest	Segundo Dodge (1995), visa “dimensionar usos educacionais da Web, com fundamento em aprendizagem cooperativa e processos investigativos na construção do saber”.

Quadro 1: Relação de algumas ferramentas presentes na prática dos professores durante a pandemia. Fonte: organização das autoras, 2020.

A partir da síntese acima é indiscutível que a internet é uma ferramenta muito ampla, que dispõe de muitos recursos possíveis de utilização pelo docente em suas aulas e que devem ser utilizadas a favor de professores e alunos. Nesse sentido, para Coscarelli (1998) é importante entender que os bons resultados da nova tecnologia dependem de seu uso, modo de uso e finalidade, não se pode esperar que o computador faça tudo sozinho, ele traz informações e recursos, cabendo ao professor planejar a aplicação deles em sala de aula.

Faz-se válido ressaltar que:

Utilizar os recursos didáticos a fim de facilitar a aprendizagem é de grande importância em qualquer disciplina, porém a utilização destes recursos nas aulas de Geografia é mais importante ainda. Dentre essa importância um dos objetivos do recurso que mais servem ao uso para o ensino de Geografia é que colaboram para: “aproximar o aluno da realidade” (PILETTI, 2006, p. 154).

Para um professor de Geografia, as aulas devem ter entre seus objetivos fazer com que os alunos alcancem e progridam no processo de aprendizagem, conectem-se com o espaço em que vivem e se transformem da melhor maneira. O uso desses recursos pode permitir o aprendizado geográfico Para alunos que não têm muita motivação para participar, pode ser mais atraente e enérgico, pois “[...] no lugar de uma Geografia meramente descritiva, os novos tempos dão lugar a uma realidade vivida pelo educando e a sua situação nesse contexto.” (SANTOS; COSTA; KINN; 2010, p. 25)

4 ENSINO REMOTO E SEUS IMPACTOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Considerando a relevância do conhecimento geográfico na educação básica, torna-se premente pensar acerca dos impactos ocasionados pela implementação do ensino remoto nas aulas da disciplina. A Geografia traduz para o aluno a estrutura e organização do espaço em que ele está inserido. Portanto, o ensino remoto não supera o ensino presencial, mas a utilização das tecnologias abre novas possibilidades para que os professores e alunos possam superar barreiras físicas, colocando o mundo mais acessível á ponta de dedos. Assim:

As tecnologias de comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar, a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados dos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os

resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria o conhecimento com ética. (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2009, p. 25).

A partir da discussão proposta até aqui, é possível perceber que a realidade pandêmica que se estabeleceu no mundo no ano de 2020 trouxe consigo inúmeros aspectos negativos e positivos para todas as áreas, inclusive para o campo educacional, suscitando desafios diversos para professores e alunos.

Para alguns pesquisadores da educação podemos voltar nossas reflexões a esses aspectos construindo um posicionamento acerca do uso intenso dessas ferramentas na educação. O quadro que segue apresenta de maneira sucinta a compreensão de alguns autores sobre o assunto (Quadro 2).

No que se refere aos pontos positivos, nota-se que as tecnologias facilitam a aprendizagem dos alunos que já apresentavam familiaridade com o uso de tais recursos e que, acima de tudo, têm condições plenas de acesso a eles. Já em relação à prática docente, percebe-se que proporciona ao professor múltiplas possibilidades de trabalho, desde que este possua a estrutura necessária para uso dessas ferramentas. De fato, a utilização das tecnologias mostra-se como algo benéfico para o processo educativo bem como para a prática docente, todavia diversos fatores devem ser avaliados quando tem-se um contexto a exemplo do pandêmico, no qual não houve tempo e nem preparo dos docentes para essa realidade.

Ao expor os conteúdos propostos para a disciplina através de alguns desses recursos o docente pode, ao inserir esse novo ingrediente em suas aulas remotas, ampliar o olhar dos estudantes despertando seu interesse pelas aulas. O Google Earth é um exemplo disso em que, mesmo estando dentro de casa, participando de uma aula remota, o aluno tem a possibilidade de viajar para os mais diversos espaços. Mas, para que tudo isso aconteça de forma eficaz se faz necessário que o professor busque se capacitar dentro dessas novas metodologias. Por isso, desde que os alunos entraram no ciberespaço, ou seja, o espaço de comunicações por redes de computadores, os professores que aceitam cooperar com este desafiador mundo tecnológico devem não só estar preparados para entregar seus conteúdos, vídeos e pesquisas na Internet, mas também estar preparados para compartilhar todo o seu conteúdo no mundo. As informações básicas dos alunos terão cada vez mais condições de pesquisar e descobrir as causas de vários problemas por eles mencionados e, consequentemente, se faz necessário que os professores se qualifiquem no âmbito da tecnologia e do conhecimento.

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
Permite que o professor mostre várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes: pelos movimentos, cenários, sons, integrando o racional e o afetivo, o dedutivo e indutivo.	Há facilidade de dispersão. Muitos alunos se perdem no emaranhado de possibilidades de navegação. Não procuram o que está combinado, deixando-se arrastar para áreas de interesse pessoal.
Facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa.	Necessita-se de uma forte dose de atenção do professor, pois diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação.
O professor consegue com que o aluno desenvolva a aprendizagem cooperativa, a pesquisa em grupo, a troca de resultados. A interação bem sucedida aumenta a aprendizagem.	Em alguns casos há uma competição excessiva, monopólio de determinados alunos sobre o grupo, fazendo se necessário uma maior atenção pelo professor para esses casos.
Emerge uma necessidade de formação continuada para os professores. Como forma de apoio aos professores, para que possam não apenas receber um novo recurso na escola, mas poder também conhecer suas potencialidades e utilizá-las para que o processo de ensino e aprendizagem.	O computador não é por si mesmo portador de inovação nem fonte de uma nova dinâmica do sistema educativo. Poderá servir e perpetuar com eficácia sistemas de ensino obsoletos. Poderá ser um instrumento vazio em termos pedagógicos que valoriza a forma, obscurece o conteúdo e ignora processos.
Oferece meios de atualizar rapidamente o conhecimento, estender os espaços educacionais, ampliar oportunidades onde os recursos são escassos.	Alguns docentes apontam as tecnologias educacionais como geradoras de algum mal-estar, como o medo de sua substituição pela máquina.
Na desigual intimidade que os alunos e professores demonstram pelas TICs, pode haver um efeito benéfico, pois a cada professor entusiasmado em aprender e fazer diferente podem associar-se alunos mais colaborativos e solidários.	Os docentes acham que têm pouco tempo para capacitação e atualização, para a utilização das tecnologias educacionais dentro de sala de aula.
A oportunidade de estar em contato, ainda que virtual, com comunidades de outros estados ou até mesmo país, pode facilitar os jovens a entender e aceitar realidades, culturas e modo de viver diferentes dos seus.	Alguns docentes acreditam que, utilizando as tecnologias nas suas aulas, eles podem perder o controle da situação, já que os estudantes podem ter acesso prévio ao material a ser estudado.
Mudar a ênfase de um currículo formal e impessoal para exploração viva e empolgada por parte dos estudantes.	A grande dificuldade do docente é a reconstrução da sua prática pedagógica, principalmente quando os pressupostos educacionais que orientam o uso do computador são diferentes da concepção de ensino e de aprendizagem do partilhado na escola.

Quadro 2: Alguns aspectos positivos e negativos do ensino remoto no âmbito educacional.

Fonte: Barreto (2004); Moran (2007); Moran, Masetto e Behrens (2009); Papert (1994);

Querte (2004); Santos (2004). Organizado pelas autoras.

No tocante aos pontos negativos, notamos que o centro dessa problematização é a

questão do professor não estar familiarizado com as ferramentas tecnológicas educacionais, pois não estavam esperando essa mudança radical e nem estavam capacitados para tal. Segundo Gaspar (2003), vivemos um novo paradigma de ensino e aprendizagem por intermédio de computadores, então se faz necessário que o professor esteja apto a manusear esse novo instrumento, para que assim o medo de ser substituído pela máquina, como é um dos aspectos negativos citado acima, venha a cessar.

Segundo Marcelo (2009), nos dias de hoje o professor precisa compreender que os alunos e o conhecimento mudam muito mais rápido do que experimentamos no passado, e para continuar a responder plenamente ao direito dos alunos de aprender, os professores também devem trabalhar duro para continuar aprendendo. Em outras palavras, esta não é apenas a tarefa de ensinar os alunos e capacitar-los a aprender, mas também requer que os professores continuem seus estudos em constante aprendizado para ensinar.

5 CONSIDERAÇÕES

A partir das reflexões pode-se depreender que a tecnologia inserida no ambiente escolar é útil, pois pode proporcionar aos alunos um melhor desempenho dentro e fora da sala de aula. No entanto, deve ser enfatizado que nenhum computador ou tecnologia pode/consegue substituir o professor em sala de aula porque os alunos precisam de conselheiros, mediadores, facilitadores de ideias, para assim organizar, esclarecer e contextualizar todas as informações que o aluno está recebendo.

É nessa perspectiva que se salienta que o conteúdo dos currículos escolares é muito mais do que os documentos curriculares estipulam: eles têm vitalidade, experiência e sentimento em cada escola brasileira. O enquadramento de todas essas relações nas ferramentas virtuais de aprendizagem é prejudicial ao desenvolvimento dos alunos, não só por causa das habilidades sociais prejudicadas, mas porque aprendem também por meio das emoções. Parece muito além do seu aspecto emocional. As emoções tiram o aluno de um lugar confortável e lhe dão a oportunidade de aprender outros estilos de vida. Se não há conexão necessária entre os colegas de classe, como esses jovens podem ter emoções/afetividade? Se a mídia e suas famílias debaterem apenas o COVID-19, como eles poderão obter o conhecimento especificado da matéria?

Nota-se que os professores e até mesmo os funcionários do âmbito educacional como um todo foram submetidos a uma pressão para a transformação de suas técnicas sem apoio algum. A realidade que os professores estão enfrentando agora é muito difícil durante o

processo de quarentena e durante o período necessário de isolamento social. Muitas escolas têm feito com que os professores sistematizem a leitura, forneçam novos materiais e recursos de apoio, tirem dúvidas, façam vídeo-aulas e transmitam ao vivo. Além de não estarem preparados para participar dessas atividades, muitos professores também são solicitados a aprimorar a linguagem, o sentido de movimento e se concentrar mais nos tópicos da sala de aula. Mas, por vezes, o próprio sistema escolar acaba sendo incapaz de "treinar" professores remotos para desempenhar novas funções.

É válido salientar que a educação a distância é urgente e no momento atual serve como utilidade para crianças não ficarem ociosas durante o isolamento ou confinamento em casa. Pode-se complementar que os estudantes universitários têm uma facilidade maior com as aulas remotas, por mais que também tenham suas dificuldades, mas se comparados aos alunos de ensino básico/médio, eles apresentam melhor desempenho.

Ademais, podemos ficar com a reflexão de como tudo será ao término desse período, e ao retorno das possibilidades de estarmos todos reunidos e interagindo como de costume nos espaços escolares e acadêmicos. É válido ressaltar que este também deve ser observado enquanto um momento de aprimoramento de algumas práticas, de adquirir maiores intimidades com as tecnologias, mas que é, acima de tudo, o momento de pensar a profissão a partir das suas reais condições de ser realizada pelos docentes, especialmente no chão da escola diante das mais adversas situações.

TEACHING GEOGRAPHY IN PANDEMIC TIMES: CHALLENGES OF REMOTE TEACHING AND TECHNOLOGIES IN PEDAGOGICAL PRACTICE

ABSTRACT

This work aims to discuss the new proposals for teaching Geography from the reality imposed on education and teaching practice in the face of the pandemic. The research adopted a theoretical approach, from which we present the problem in order to reflect on possible practices to solve / facilitate the current educational scenario, as well as highlighting the impasses experienced by teachers at that time. It was possible to infer that the internet and digital media are excellent resources if used based on adequate planning, as well as if teachers are offered the necessary conditions to develop good practice. In addition, the need to constantly think about the issues that refer to the exercise of the teaching professional is evident.

Keywords: Geography teaching. Remote Teaching. Educational Technologies. Teaching Practice.

REFERÊNCIAS

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Associação Brasileira de Educação a Distância. 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2011/artigo_07.pdf> Acesso em: 31/08/20.

AZAMBUJA, L. D.; CALLAI, H. C. A Licenciatura de Geografia e a Articulação com a Educação Básica. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et. al. (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

BARRETO, R. G. Tecnologia e Educação: trabalho e formação docente. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p.1181-1201, dez. 2004.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Editora Vozes, 4 edição. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2010, p. 22-26.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: Muda a Geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 133-152, 2001.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2008.

COSCARELLI, C. V. O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 4, n. 20, p. 36-45, mar./abr. 1998.

COUTINHO, C.; LISBOA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, v. XVIII, n. 1, p. 5-22, 2011.

DELAGNELLO, L. Como a pandemia de coronavírus impacta o ensino no Brasil. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/04/05/como-a-pandemia-de-coronavirus-impacta-o-ensino-no-brasil.htm>>. Acesso em: 31/08/20.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

GASPAR, M. I. Duas Metodologias de Ensino em Educação a Distância Online. **Discursos, Série Perspectivas em Educação**, n. 1, p. 65-75, 2003.

GUIMARÃES, I. V. Ensinar e Aprender Geografia: contexto e perspectivas de professores e alunos como sujeitos sócio-culturais. **Revista Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2000.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Revista Ciências da Educação**, n. 8, p.7-22, 2009.

MORAN, J. M. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MORAN, M. J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia:** reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: Editus, 2010.

NOGUEIRA, V.; CARNEIRO, S. M. M. **Educação geográfica e formação da consciência espacial-cidadã**. Editora UFPR: Curitiba, PR, 2003.

PEDAGOGA explica diferença entre ensino remoto e EAD. 2020. Disponível em <<https://www.uninassau.edu.br/noticias/pedagoga-explica-diferenca-entre-ensino-remoto-e-ead>>. Acesso em 27/09/2020 às 19h.

PAPERT, S. **A máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática**. Artes Médicas, Porto Alegre, p.4-11, 1994.

QUERTE, T. C. M. et al. **Os Professores e a Integração das TIC nas Escolas: Um Panorama Brasileiro**. Discursos, Porto Alegre, p. 177-189, dez. 2004.

SANTOS, R. J.; COSTA, C. L.; KINN, M. G. Ensino de Geografia e novas linguagens. In: BUITONI, Marisia Margarida Santiago (coord.). **Explorando o ensino: Geografia ensino fundamental**. v. 22. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2010.

VESENTINI, J. W. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo; 2008.

Recebido em 19/01/2020.
Aceito em 25/05/2021.